

SANTOS, MANUELA DE ALCÂNTARA, ANTERO FERREIRA,  
E FÁTIMA SILVA, 2023. *LIVROS DE NOTAS DE UM OURIVES  
FEIRANTE – JOSÉ MOREIRA PINTO DE CARVALHO  
(1806-1864)*. GUIMARÃES: SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.  
300 PP. ISBN 978-989-8706-17-1\*

JORGE FERNANDES ALVES\*\*

A Sociedade Martins Sarmiento editou o essencial do conteúdo de dois cadernos manuscritos existentes no acervo documental do seu arquivo, revelando ao grande público o potencial de um conjunto de anotações do quotidiano de um ourives de Guimarães — José Moreira Pinto de Carvalho (1806-1864), o qual, durante alguns anos, calcorreava um itinerário de feiras no interior de Portugal. A publicação, ancorada num conjunto de estudos introdutórios da autoria de Manuela de Alcântara Santos, Antero Ferreira e Fátima Silva, interessará a investigadores de diversas áreas, nomeadamente da história económica, da história das artes e ofícios, da história social, da demografia histórica, da história do trabalho, entre outras, para além da história local.

Como o título indica, as anotações, na sua maioria, estão relacionadas com a atividade profissional do ourives feirante, mas também surgem notas sobre a sua vida familiar e sobre as preocupações enquanto pequeno proprietário agrícola que arrenda os seus terrenos para exploração, além de incluírem cópia de missivas para familiares, nomeadamente para os filhos ausentes no Brasil.

José Moreira Pinto de Carvalho nasceu a 7 de junho de 1806, em Guimarães, na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, em casa de seus pais, situada na Rua dos Mercadores, n.º 3. Nasceu e cresceu numa família de ouri-

ves e a sua atividade de feirante, de acordo com as anotações, teve mais incidência nas décadas de 1830 e 1840, distribuindo produtos de origem familiar e de produção local. As suas notas constituem, pois, um alicerce para a construção da sua memória e da respetiva família ao mesmo tempo que nos facultam o acesso à micro-história do nicho social especializado na ourivesaria.

Numa altura em que escasseiam as edições críticas de fontes, uma das consequências da revolução digital que permite a cópia direta do documento, disponibilizando-a de forma massiva (e ainda bem, embora com o efeito de nos distanciar do original, o que pode ser crítico), é estimulante verificar o cuidado de uma instituição e de um grupo de investigadores que se dedicam a uma edição com características específicas e originais.

Na verdade, o que temos ante nós, é uma edição trabalhada de uma fonte histórica, os dois cadernos, oferecidos ao leitor de uma forma já organizada e sistematizada, estruturada por tópicos que sobressaem na base documental (e indo mais além na procura de novos dados em outras fontes), ultrapassando assim o relativo caos das anotações de José. Estamos, na verdade, perante um estudo aprofundado e empenhado na construção daquilo que podemos designar de meta-fonte, uma reconstrução elaborada da fonte original, a que os estudos introdutórios

\* DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-9748/cem18r1>.

\*\* Historiador, docente aposentado da FLUP. Email: [jorge.f.alves@gmail.com](mailto:jorge.f.alves@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5072-5171>.

conferem acrescida substância e sentido, apontando desde logo para o desvelar das chamadas «propriedades sociais» do agente histórico em causa, inserindo os dados da fonte no seu contexto histórico mais alargado, criando pontes para articulação dos dados fornecidos com outras informações documentais, num exercício minucioso de micro-história.

A propriedade social mais relevada é a de ourives feirante, ocupação central de José Moreira Pinto de Carvalho, inserida no quadro da atividade dos ourives de Guimarães, apresentada por uma consagrada especialista nesta temática, Manuela de Alcântara, uma referência incontornável na área, que, no primeiro texto, nos lega mais um estudo indispensável para quem investigar os ourives, debruçando-se sobre os livros de notas e explicando os critérios desta edição, com o propósito explicitado de tornar o livro mais acessível aos investigadores.

Manuela de Alcântara e Fátima Silva dão-nos depois um minucioso estudo de biografia e genealogia, revelando ascendência e descendência e as redes familiares e negociais do biografado. Vemos ainda a dinastia de ourives a diluir-se na geração seguinte: a vida eclesiástica ocupará alguns irmãos de José Moreira Pinto de Carvalho, enquanto o Brasil surge como destino final para os seus filhos masculinos. Muito pertinente este estudo que tem nos registos paroquiais um sustentáculo para a elucidação de quem é quem, conferindo com isso novo valor acrescentado aos livros de notas.

No texto seguinte, *O Deve e Haver de um ourives feirante vimaranense*, Manuela de Alcântara dá-nos uma minuciosa interpretação do trabalho do feirante, explorando cuidadosamente as informações sobre esta atividade, detendo-se nos pormenores que esclarecem, nomeadamente no «dia a dia duro e arriscado de um feirante», mostrando como as notas de José «alargam o conheci-

mento histórico da ourivesaria vimaranense» ao referenciar «produtos, modelos, consumos, preferências, formas e relações de negócio, vivências familiares». E sublinha como as notas nos deixam entrever três facetas: «na pessoa de José Moreira Pinto de Carvalho convergiram três modalidades diferentes da atividade profissional de ourives, aliás interligadas: foi fabricante de filigrana; feirante que jornadeou até ao Alentejo por cidades, vilas, aldeias, feiras e romarias; e negociante relacionado com um vasto leque de outros ourives do ouro e de ourives da prata».

A informação de natureza familiar é desenhada num texto, *A vida em família*, assinado por Antero Ferreira e Fátima Silva, no qual se sublinha o potencial da fonte para outras dimensões: propriedades, vestuário, serviço doméstico, criadas e correspondência, tanto mais que o livro inclui também algumas anotações da esposa do feirante. Entramos, assim, no estreito domínio do lar e das relações familiares.

Segue-se a transcrição dos livros de notas. E o volume insere no final um valioso glossário de ourivesaria. Termina com a relação de fontes e bibliografia usadas e índices remissivos, antroponímico e toponímico, que revelam a meticulosidade dos autores e editores no tratamento do texto. Sublinhe-se ainda a qualidade gráfica do livro, da designer Alexandra Xavier, quer na escolha e enquadramento das fotografias, quer na cartografia usada, que revela os itinerários do feirante, quando localizados em áreas afastadas do interior sul até ao Alentejo.

Depois de correremos o livro, podemos voltar à página inicial da abertura da responsabilidade da Direção da Sociedade Martins Sarmiento e verificar o cumprimento dos objetivos enunciados, que passavam por oferecer ao leitor uma dupla possibilidade de leitura, os estudos introdutórios por um lado, o acesso direto ao conteúdo do documento original por outro, tendo em conta o rigor e

meticulosidade dos registos que anotam a vida comercial e particular de uma família burguesa vimaranense.

Mas a valia do livro vai mais além, podendo considerar-se como uma plataforma ainda para outras leituras. Por exemplo, as referências epistolares de algum desgosto pelo atravessamento das propriedades agrícolas pela nova estrada, retalhando o terreno agrícola e desvalorizando-o, mostra como o irromper do progresso traz efeitos amargos para alguns em nome de um bem maior, o interesse coletivo. E, sobretudo, vejamos os contributos para o estudo da emigração: são pungentes as cartas transcritas relacionadas com a partida e a ausência dos vários filhos no Brasil, nomeadamente pela ansiedade paternal a procurar saber se estão vivos ou mortos. Interessante é a preocupação dos pais em tentarem encontrar à distância destinos profissionais alternativos para os filhos que não estariam bem arrumados no Rio de Janeiro, tentando desviá-los do ofício em que estariam e encaminhá-los para o negócio, espaço de atividade de onde voltavam os «brasileiros» de retorno mais endinheirados. Foi a ler transcrições neste domínio em textos de A. L. de Carvalho (António Lopes de Carvalho), que foi quem doou os livros à Sociedade Martins Sarmiento, que eu próprio, anos atrás, soube da exis-

tência dos livros de notas a que agora tenho acesso mais fácil. Mas a leitura por inteiro das cartas dá outra dimensão, mostrando o deslaçar da família pela emigração, em que os filhos raramente escrevem aos pais, perdidos na lonjura, quem sabe por que razões, como foi o caso dos filhos Luís e Avelino, de que se perderam notícias desde 1864... Em 1891, quando morreu a mãe deles, já viúva de José Moreira, e se fez anúncio do inventário, citavam-se os filhos Luís, Avelino e José como «ausentes em parte incerta do Brasil» para efeitos de partilhas. Mas, em 1897, a relação consular dos óbitos do Brasil, incluía o óbito do Avelino na Baía, falecido, por congestão, em 8 de março de 1896, apontando-lhe como profissão «cigarreiro», mostrando que o esperado negócio, ou seja, trabalhar no comércio não era para todos (*Diário do Governo*. 1895-01-08. (5), p. 6).

Com a edição deste volume, trazendo a lume um conjunto de estudos sobre uma informação documental relevante, que se transcreve, os investigadores referidos, interagindo com diferentes gerações, subscrevem mais um ato de investigação historiográfica e de valorização patrimonial e a Sociedade Martins Sarmiento reafirma os seus objetivos associativos de dar continuidade a um luminoso lastro histórico de divulgação patrimonial.

## JORGE, MARIA JOÃO MACIEL, 2024. *THE HYPHEN AND OTHER THOUGHTS FROM THE IN-BETWEEN*. CANADA: ARQUIPÉLAGO PRESS\*

FRANCISCO TOPA\*\*

Ouvimos e lemos com frequência que Portugal é um país de emigrantes, o que aliás é comprovado pelas estatísticas e por uma série

de outros elementos, físicos e simbólicos, que vão do peso das suas remessas na economia nacional até ao impacto que deixam as

\* DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-9748/cem18r2>.

\*\* FLUP/CITCEM (ORCID: [UIDB/04059/2020](https://orcid.org/0000-0001-6929-5618); DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: [ftopa@letras.up.pt](mailto:ftopa@letras.up.pt). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.